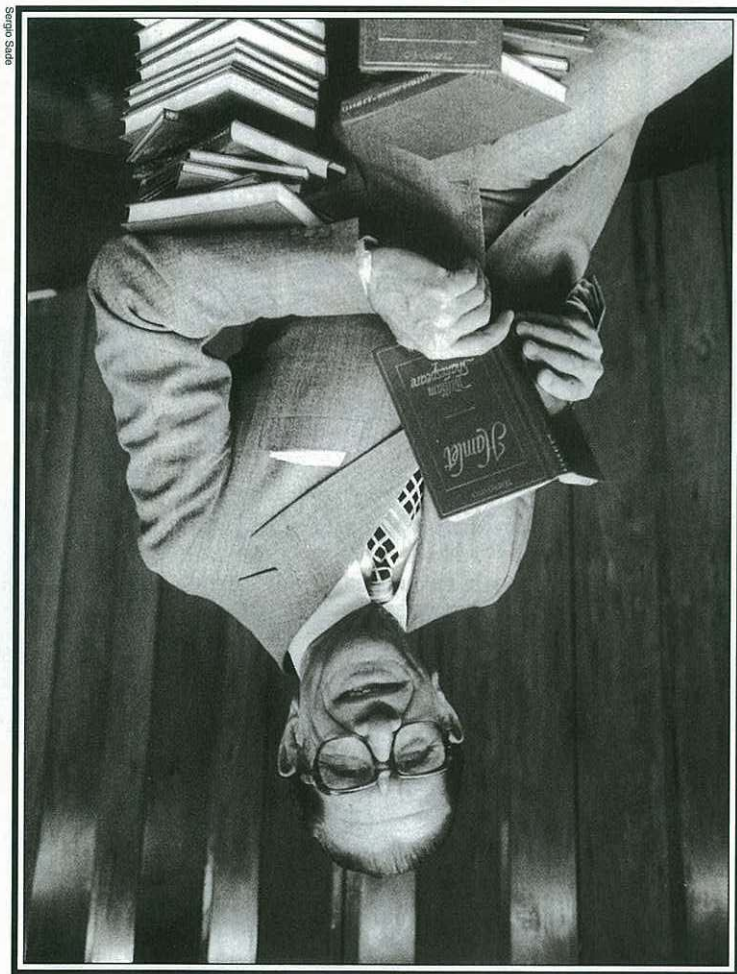


por Roberto Pompeu de Toledo

Onde outros viam crise, ele via oportunidades.
Assim, construiu a maior editora do país.

O resolvidor de problemas



Sergio Sade

Vostro padre è impazzito. Nova York, setembro de 1949. Os meninos acabam de voltar da escola. A mãe os chama e lhes faz a leitura da carta que acaba de receber do pai, ausente de casa já há mais de dois meses. Venda isto, dê aquilo, dizia a carta. Não esqueça de tal coisa, atenção para aquela outra. Embale o resto e venha. A mãe termina e tem a reação que teriam todas as outras mulheres ao receber correspondência semelhante: “*Vostro padre è impazzito*”. Sim, papai é *divenuto pazzo*. Perdeu a razão. Amalucou.

O pai em questão era o italiano, ou, mais propriamente, milanês, nascido em Nova York, Victor Civita; a mãe, a romana Sylvana; e os meninos, os dois filhos do casal, Roberto, de 13 anos, e Richard, de 10. “Embale o resto e venha.” Ir para onde? Brasil, esta era a ordem. Mesmo para uma família acostumada a deslocamentos, o salto era de arrepiar. Até agora, as deslocamentos haviam se limitado ao universo mais reconhecível, e seguro, do Hemisfério Norte. Basicamente, ao eixo Itália-Estados Unidos. Agora a ordem era ir lá para longe, uma terra distante da qual lhes faltavam as referências, da qual não conheciam a língua nem os códigos. Não é coisa pouca, para quem quer que seja, tal mudança. É um convite para prender a respiração e saltar no escuro. Ainda mais considerando, como no presente caso, que o chefe de família responsável por tal decisão não era nenhum menino. Já contava 42 anos. Tudo se revela menos surpreendente, no entanto, quando se tem em conta a natureza profunda do personagem. Pois esse senhor Victor Civita, o *pazzo* da carta, era, conforme se verá ao longo desta história, um especialista em saltos no escuro.

Embarcado no futuro

Cinco meses depois, a família chegava ao Brasil, onde a esperava o marido e pai. Mais cinco meses, e aparecia o primeiro número de *O Pato Donald*. Nas-

O jovem Victor Civita e seu Fiat, em Milão (1925)

cia a Editora Abril. Tudo foi muito rápido. Tudo era muito rápido com ele. “Visionário” – eis o qualificativo campeão quando parceiros, colaboradores, empregados, amigos ou conhecidos se referem a Victor Civita. “Fazedor”, “resolvidor de problemas”, eis os vice-campeões. O antigo diretor dos fascículos da Abril, Pedro Paulo Poppovic, diz que ele “não cabia na pele, de vitalidade”. Era um profissional do entusiasmo. Cláudio de Souza, um dos funcionários mais antigos, descreveu, em artigos que publicou na morte de Civita, a entrevista que teve com ele quando se candidatou a uma vaga na jovem empresa, em fevereiro de 1951. O local era o 9º andar do número 118 da rua João Adolfo, no centro de São Paulo, o endereço da Abril de então. Tudo pareceu a Cláudio muito simples e quieto. Não mais do que um total de três pessoas trabalhavam nas duas ou três salas que percorreu. Para quem estava, como o candidato à vaga então oferecida, acostumado à agitação das redações, o ambiente lembrava um convento. Quando chegou a Civita, este o recebeu de pé. E falou, falou, falou – “praticamente sem tomar fôlego”, escreve Cláudio. “Quando me dei conta do que tentava transmitir-me”, acrescenta, “julguei

a princípio que falava de uma outra e trepidante organização editorial, e não daquela sua pacata confraria, da qual saía apenas uma modesta revista impressa em tipografia.” Cláudio de Souza concluiu que aquele tresloucado interlocutor estava já “embarcado totalmente no futuro”.

Atrás do barítono

Victor Civita, apesar de filho de uma família de antigas raízes italianas, nasceu em Nova York – no número 6 da Charles Street, bairro do Greenwich Village – por um motivo admirável: porque o pai, Carlo Civita, saiu correndo atrás da filha do barítono. Carlo Civita era um órfão criado por duas tias, professoras em Mantova. Um dia foi para Milão e ficou milionário, mas antes de ficar milionário conheceu Vittoria, filha de um barítono de alguma nomeada, Michelangelo Carpi, de cujo repertório constava um elogiado Fígaro em *O Barbeiro de Sevilha*. Um dia Carpi foi convidado para dar aulas num conservatório de Chicago, e para lá se mudou com a família. Carlo foi atrás, para não perder Vittoria, e casou com ela nos Estados Unidos, onde o casal teve os dois primeiros dos três filhos: César, nascido em 1905, e Victor, em 1907 – 9 de fevereiro

